

“Eu sou negra”: entrevista com Ana Maria Gonçalves

AMANDA OLIVEIRA
MARGARETE HÜLSENDEGER
MARIA EUNICE MOREIRA

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil



Ana Maria Gonçalves é uma escritora mineira nascida em uma pequena cidade do interior de Minas chamada Ibiá. Durante 13 anos trabalhou como publicitária em São Paulo até que se mudou para a ilha de Itaparica, na Bahia. Em 2002, mesmo ano da sua mudança para Itaparica, publicou, de forma independente, seu primeiro livro *Ao lado e a margem do que sentes por mim*, com 1000 exemplares vendidos, segundo ela, “teclado a teclado”, em pouco mais de três meses. Em 2006, após uma pesquisa exaustiva, lançou seu segundo livro, *Um defeito de cor*, obra com 952 páginas, que conta a história da escrava Kehinde desde o momento de sua captura na África, passando por sua vida como escrava no Brasil, até o retorno a sua terra de origem. No momento dessa entrevista, o livro já tinha atingido a marca de doze edições e era motivo de debate em diferentes áreas das humanidades.

A entrevista com a escritora Ana Maria Gonçalves foi realizada durante a sua participação no XXX Seminário Brasileiro de Crítica Literária, XXIX Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul e III Encontro Nacional de Escrita Criativa, no prédio da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no dia 20 de outubro de 2016. No evento, a autora participou da conferência de encerramento *Processo criativo e fontes para a criação literária*.

MARGARETE HÜLSENDEGER (MH) – Em um blog que mantiveste durante um tempo, deixaste registrada a seguinte declaração: “Adoro começar coisas e, geralmente, estou começando ao mesmo tempo, mas quem disse que sei mudar”. E para ilustrar essa frase deste como exemplo teu livro *Um defeito de cor*. Então, com base nessa ideia de “começar coisas”, gostaríamos de saber como foi o teu processo de elaboração e escrita de *Um defeito de cor*, um livro de 952 páginas.

➔ **ANA MARIA GONÇALVES (AMG) –** Sempre gostei de livros grossos, os que ficam em pé. Também sempre li muito e minha vida de leitora começou cedo. Minha mãe lê muito, lembro dela cozinhando com um livro na mão, deixando a comida queimar, varrendo a casa com um livro na mão e sempre chamando a gente para ler, para ouvir. Ela tinha um prazer enorme naquilo, rindo e contando, chamando para ler junto. Assim, quando comecei a ler sozinha, li muito rápido. O dia que na escola

aprendi as letrinhas encaixando, comecei a ler. E livrinho pequeno, para mim, era uma tortura.

Ibiá era uma cidade minúscula, doze mil habitantes na época, não tinha livraria, mas tinha biblioteca. O problema é que a bibliotecária não deixava a gente ter acesso aos livros. Ficava aquele balcão, do lado de fora, e ela perguntando: “O que você quer ler?”. Se você tinha o nome, ela buscava e se queria uma sugestão, ela vinha com aqueles livrinhos de 10 páginas. Então, eu sentava no balcão e lia, depois ficava pedindo “Eu quero outro, quero outro”. Ela não me dava livros mais grossos, explicando que para minha idade eram só aqueles. Um dia, eu resolvi: “Não quero mais. Quero ler os livros da minha mãe” e chegando em casa falei: “Mãe não vou mais na biblioteca, porque ela [a bibliotecária] não me deixa ler”.

Minha mãe concordou: “Vou arrumar os meus livros e você lê o que você alcançar”, de altura. O que eu queria ler era o que ela tinha em cima porque eram



umas coleções, principalmente a do Jorge Amado, uma coleção de livros de capa vermelha, dura. Não sei o que era, mas minha mãe tinha essa coleção e eu ficava vidrada naquela última prateleira. Lembro que eu lia à noite, à luz de vela, porque ela apagava a luz do quarto à meia noite já que eu tinha escola de manhã. Com a minha mesada comprava velas para continuar lendo para que ela não visse a luz debaixo da porta quando passava pelo corredor para ir dormir. Eu também roubava os livros da estante, é óbvio. Quando ela dormia, eu pegava a cadeira e passava a mão nas lombadas procurando o livro mais grosso, para não me arriscar mais vezes. Então, desde cedo, livro, para mim, é livro com mais de 300 páginas, senão, não vale a pena.

Nunca tinha escrito nada. Comecei um *blog* em 2000/2001, que sumiu da *internet*, apagaram porque eu deixei de atualizar. Ele se chamava “Udigrude” e foi o meu primeiro *blog*. O Glauber utilizava a palavra “udigrude” para *underground*, movimento da época da contracultura. Quando comecei a escrever nesse *blog* colocava uns poemas horrorosos e uns contos. Na verdade, não eram contos, mas uns trechinhos de ficção e eu percebi que as pessoas começaram a gostar.

MARIA EUNICE MOREIRA (MEM): Tu eras publicitária?

☞ **AMG** – Eu era publicitária. Eu tinha uma agência e trabalhava 15 horas por dia, sete dias por semana. Era muita correria. Estava há oito anos sem férias, sabe, essas coisas de doideira. Um dia pensei: “Não é essa vida que eu quero”. Eu tinha um cliente que fazia customização de artes e para atender melhor o cliente eu lia muito e assinava muitas revistas. Algumas dessas revistas eram sobre temas marítimos e em uma delas havia a história de uma presidente de uma grande companhia, não lembro qual, de fabricante de barcos, que escreveu seu próprio obituário e quando leu, descobriu que não era a vida que ela queria, então, abandonou tudo, comprou um barco e foi dar a volta ao mundo. “Meu Deus, que maravilha!”, pensei.

Eu também resolvi escrever o meu obituário e quando escrevi também vi que não era isso que eu queria deixar para o mundo depois de morrer. Decidi que ia fazer outra coisa com a minha vida. Mas, fazer o quê?

Eu gosto de ler, eu lia muita coisa em paralelo com a publicidade. E coincidiu que uma amiga que estava fazendo um roteiro (ela é diretora de cinema) sobre lugares onde a população latina se reunia em São Paulo para se divertir. Ela me chamou e foi quando fui para a livraria pesquisar sobre cultura cubana, porto-riquenha e, literalmente, esse livro do Jorge Amado, *Bahia de Todos os Santos, guia de ruas e mistérios*, que eu conto no prólogo, caiu aberto no meu braço. Na época o Jorge Amado estava vivo. Eu

comecei a ler e pensei: “Ele está falando comigo. Esse chamado é para mim”. Eu não conhecia absolutamente nada do que ele falava: “Um jovem historiador baiano que veio contar a história da rebelião malê...”. Que é isso, rebelião malê? A gente não aprende essas coisas na escola. Foi quando comecei a pesquisar na *internet*, na época estava com muito trabalho na agência ainda não dava para ir à Bahia. Quando finalmente deu, quase um ano depois, cheguei lá dia primeiro de fevereiro. Dia 2 fui para a festa de Iemanjá, no Rio Vermelho, e falei é aqui, é isso que eu quero para mim.

Fui para Itaparica porque eu tinha relido há pouco tempo o livro *Viva o povo brasileiro*, e eu queria conhecer alguns lugares que o João Ubaldo cita. Me apaixonei por uma casa e o tempo que fiquei na Bahia (foram duas semanas) fiquei negociando essa casa porque eu queria morar lá. Depois voltei para São Paulo e em duas semanas desfiz a minha vida. Deixei a agência com a minha sócia, terminei um casamento de sete anos, vendi meu apartamento com tudo dentro, fiquei com minhas roupas e meus livros e fui embora para Itaparica.

Só que eu não tinha a menor ideia de como escrever. Nunca tinha lido, nunca tinha pesquisado e pensei, vindo da publicidade, em seis meses pesquisa, escrevo e publico. Não tinha ideia do que era. Quando eu comecei realmente a pesquisar, eu percebi que ia levar mais tempo, era um assunto sério. A ideia inicial do livro está no capítulo sete, o resto todo foi agregado. A ideia inicial era escrever um romance sobre a rebelião malê, que é o capítulo sete, mas eu fui achando tanta coisa, tanta coisa, que decidi contar outra história. Achei a figura da Luísa Mahin, da rebelião malê, e resolvi contar a história dela, romantizar.

MEM – Ficou no capítulo sete, por quê?

☞ **AMG** – Pela cronologia da história ele virou o sete. Os capítulos são divididos em mudanças dela.

MH – E cada capítulo começa com uma epígrafe retirada de um provérbio africano.

☞ **AMG** – Exatamente. Em cada capítulo ela está morando em um lugar.

MH – E a vida dela estava dando viradas como a tua deu?

☞ **AMG** – Foi quando percebi que essa busca era uma busca da minha identidade. Eu não me considerava negra, nunca tinha pensado nessa questão de identidade antes. Venho de uma família pobre, minha mãe era costureira, meu pai começou a vida como assistente de pedreiro, foi subindo, trabalhava na Nestlé, estudava; eu lembro que quando eu estava no grupo escolar, meu pai estava terminando o segundo grau, voltou a estudar depois. Minha família é muito misturada, família mestiça, e essa

questão nunca tinha passado pela gente, principalmente, porque ao pertencer a uma certa classe social, cultural, isso branqueia a gente. Então, eu acho que eu não era tratada como negra, não me via como negra, me via como mestiça, como misturada.

MH – Não é um pouco como Kehinde se sentiu quando retornou para a África?

☛ **AMG** – Sim. Um deslocamento.

MH – Esses deslocamentos, ou seja, quando ela foi retirada da terra de origem, veio para o Brasil, se acimatou, se tornou brasileira e ao voltar para a África já não se sentia mais africana. Podemos pensar assim?

☛ **AMG** – Sim. Essa identidade precisa estar sempre em construção. O livro foi escrito comigo tentando entender as minhas origens, uma história que nos foi negada, a história do negro e da escravidão no Brasil e muito mais. A primeira versão desse livro tinha 1400 páginas, 1400 e alguma coisa: A4, Times 12, espaço simples. Era uma caixa enorme. E é quando entra o Millôr, que foi o meu anjo da guarda, meu padrinho.

MH – Tu lembras como ele termina o comentário sobre o teu livro no blog dele? Ele diz assim: “O livro está entre os 100 melhores. 100 melhores, Millôr? Não, entre os dez melhores! [...] Te cuida Saramago!”.

☛ **AMG** – Foi uma relação bem interessante que eu tive com o Millôr. Quando eu percebi que eu não ia conseguir escrever, pesquisar e publicar em seis meses como achava que iria, resolvi escrever outro livro, *Ao lado e a margem*. Quando eu terminei comecei a procurar editoras e as editoras falavam que em três meses eles iriam dar um parecer. “Em três meses?!”, pensei. Vou publicar eu mesma. Publiquei e anunciei no blog e em três meses vendi 1000 exemplares. Um desses exemplares foi cair nas mãos de um amigo jornalista do Rio de Janeiro, o Gravatá, que é amigo de longa data do Millôr. Ele deu o livro para o Millôr que leu e gostou. O Gravatá então diz que falou pra ele: “Liga pra ela. Ela não sabe se tem jeito para escrever. Tá lá na Bahia fazendo pesquisa”.

Um domingo à tarde, na ilha de Itaparica, tocou o telefone e quando atendi ouvi: “É o Millôr”. Eu não acreditei que era ele, óbvio, achei que era trote, e a gente ficou uns dez minutos falando besteira um para outro, mas ele “sacou” e entrou na brincadeira comigo. Ele desligou e eu não consegui reconhecer a voz.

Passou um tempinho e o Gravatá ligou perguntando, “O Millôr te ligou, né?”, eu fiquei sem saber o que dizer, lembrando das coisas que eu tinha falado com ele. O Gravatá insistiu que eu ligasse para o Millôr, mas eu disse que não ia ligar porque fiquei com muita vergonha e pedi que ele pedisse desculpas por mim.

Quando terminei a primeira versão de 1400 páginas, tirei uma semana de descanso e viajei para o Rio. No Rio, fui almoçar com o Gravatá e, sem eu saber, ele ligou para o Millôr. Quando o Millôr atendeu, o Gravatá passou o telefone para mim e eu ouvi: “Ana Maria, aqui é o Millôr”. Começamos a conversar e ele começou a elogiar *Ao lado e a margem*, ficou um tempão falando do livro, das minhas qualidades de escrita, coisas que eu nunca tinha ouvido. Quando ele parou de falar, ficou um silêncio e eu disse: “Millôr, você tá gagá, né?”. Primeira coisa que eu falei para ele! O Gravatá olhou para mim, com aquela cara, um silêncio, e foi quando o Millôr deu uma gargalhada. Eu lembro dessa gargalhada até hoje. Ele respondeu: “Eu tô e você é a primeira pessoa que fala isso na minha cara. Vem pra cá pra a gente conversar”. Fui para o estúdio do Millôr e fiquei umas oito horas batendo papo, com ele querendo saber o que eu estava pesquisando, me dando dicas de livro, falando das coisas dele. No final ele disse: “Quero ler, me manda”. Eu pensei, ele não vai ler. Eu expliquei, “Millôr, são 1400 páginas”, mas ele respondeu “Quero ler”. Liguei para minha mãe e pedi que ela me mandasse o livro. Ela me enviou e eu mandei pra ele. Nos meus últimos dias no Rio, Millôr me ligou: “Acabei de ler, você quer vir pra gente conversar?”. Quando eu cheguei, ele tinha anotado o original inteiro. Ele corrigiu português, corrigiu fatos históricos, corrigiu personagens. Tenho essa impressão toda anotada.

Ele ainda falou: “Olha, aqui você tem uma história, tem talento, mas não tem um livro. Volta pra casa e reescreve”. Eu já tinha me dedicado três anos, como eu não tenho nada aqui ainda? “Não tem. Volta pra casa e reescreve. Você tem uma boa história, mas ainda não é um livro. Vai fazer isso virar um livro”, ele disse. Eu tentei argumentar: “Millôr como é que eu vou saber?”. Ele respondeu: “Eu não sei, vai fazendo, depois a gente vai conversando”. E a gente acabou ficando amigos e todo o domingo a gente se falava. Ele querendo saber como é que estava, eu lia um trecho para ele. E aí eu reescrevi 19 vezes, do zero.

MH – Do zero?! Sem aproveitar nada?!

☛ **AMG** – Eu lembro que eu imprimia (como se gastava papel naquela época), lia aquela folha, botava de lado e reescrevia sem olhar. Quando eu via que eu não conseguia mais melhorar, contar aquela história, aquela página, de uma maneira melhor, era quando eu parava.

MEM – Como tu trabalhavas? Era diariamente?

☛ **AMG** – Sim. Foram cinco anos: dois de pesquisa quando eu só li, não fiz absolutamente mais nada, um ano de escrita e mais dois de reescrita. Foi dedicação total, eu não fazia absolutamente nada. Entre uma reescrita e outra, eu tirava uma semana.

MH – Algo que chama muito a atenção no livro foi a tua opção em colocar as referências. Inclusive, consultaste fontes primárias no Arquivo Histórico Municipal de Salvador, no da Bahia, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. O que te motivou a apontar em um livro ficcional as fontes?

☞ **AMG** – Porque eu acho importante a gente ter essas referências. Esses foram alguns dos livros que eu li durante o trabalho. Como eu falei, eu não tinha a menor ideia de como fazia a pesquisa, então, eu fui lendo tudo o que caía na minha mão. Se o livro tinha uma bibliografia eu ia atrás e lia o que me interessava. Li ficção e não ficção e esses foram os livros que ficaram de alguma maneira.

MEM – E teu livro tinha um plano ou ele veio no fluxo?

☞ **AMG** – Quando eu parei de ler para começar a escrever, na parede da minha sala, coleí uma folha de almanaque para cada ano e dividi em três. A primeira coluna é o que aconteceria na vida da personagem principal, a segunda o que acontecia com os personagens que interagiam com ela e a terceira o que acontecia no lugar em que ela estava, e no mundo, que poderia interferir na história. Então, eu fiz isso ano a ano e quando terminei o roteiro tinha 100 anos da vida da Kehinde. Depois, passei a limpo e a partir daí comecei a “encher”, a “estofar”, esse pré-roteiro, essa história.

Eu trabalhei a partir de um roteiro, que mudou muito. Às vezes estava escrevendo e vinha uma história que mudava para frente ou mudava para trás ou mudava os dois e tinha que voltar para trás. Então, do meu plano inicial deve ter se mantido uns 30% ou 40%. Até hoje eu preciso ter a história inteirinha na minha cabeça para saber onde eu estou indo, nem que ela mude completamente.

MH – A escolha de uma narradora feminina também foi algo instintivo ou tiveste de pensar no ponto de vista que querias abordar? Ou decidiste que ia ser uma mulher e nem te questionaste?

☞ **AMG** – Não. Foi na sexta versão que surgiu essa voz porque antes estava na terceira pessoa, não era em primeira. Mas a história não estava ali, não era essa a história.

MEM – O Millôr leu na terceira pessoa?

☞ **AMG** – Sim, mas eu sentia que a história não estava fluindo. Uma das coisas que o Millôr sempre falava era: “Olha, leitor já é preguiçoso, você vai ter um livro grosso, facilita a vida dele, simplifica, escreve simples. Se você é de contar a história, então, conta assim”. Eu pensei: “Contar história simples que eu lembre era a minha vó que fazia”. E, então, me perguntei: “Como é que a minha vó contaria essa história?”. Comecei a fazer

esse experimento na sexta versão como se eu estivesse ouvindo essa história contada pela minha vó. Então, é a voz dela. Essa narradora é ela me contando uma história, como se estivesse sentada do meu lado.

MH – São muito ricas as informações em notas de rodapé. Porque sentiste necessidade de colocar essas notas de rodapé, explicando, por exemplo, o que são os Ibêjis, os Orixás?

☞ **AMG** – Eu não conhecia. Eu sou mineira, católica, apostólica romana, então, meu primeiro contato com o Candomblé foi escrevendo esse livro. Tinha uma senhora que trabalhava na minha casa, lá em Itaparica, ela era de um terreiro. Um dia falei que estava escrevendo sobre isso e que queria conhecer um pouco melhor o Candomblé, mas morrendo de medo porque a minha educação tinha sido católica. Eu tinha abandonado o catolicismo, nunca mais tinha ido à igreja, mas eu fui criada ali. Mas ficaram aquelas ideias: é o capeta, é o demônio, o santo vai te pegar, macumba. Então, tinha muito disso dentro da minha casa e eu morria de medo. Eu lembro que eu desmarquei três vezes de ir no terreiro porque tinha medo.

MH – Do Candomblé?

☞ **AMG** – Sim. O dia que eu fui, me apaixonei, foi amor à primeira vista com a Mãe Lindaura. A gente conversou um tempão. Ela começou meio do zero, me explicando o que era e eu saí dali já apaixonada por ela, apaixonada pela religião e sentindo essa necessidade de entender também.

Por isso eu não posso só jogar um Ibêji na história. A maioria da população brasileira que pode ter acesso ao livro tem o mesmo nível de conhecimento que eu, então, decidi explicar. Minha necessidade era tornar compreensível para quem nunca teve contato com esses assuntos. É bem interessante ver as leituras que as pessoas fazem: é uma leitura completamente diferente de quem é do Candomblé e de quem não é. Tem algumas coisas que só quem é “saca”, mas que não influenciam na história. Tem coisas não só do Candomblé, mas que só historiador toca no assunto, tem coisas que só psicólogo toca no assunto, só antropólogo. Esse livro saiu do departamento de letras e eu até acho que ele é mais estudado em outros departamentos: sociologia, psicologia, história. É muito interessante ver a interpretação que cada pessoa, de acordo com o seu conhecimento, faz desse livro. E até de coisas que eu não tinha a menor ideia.

MH – Tu te apropriaste não só dos nomes, mas também dos rituais. Tu descreves muitos desses rituais no livro e não em nota de rodapé, escreves no próprio corpo do texto. Tem uma cena muito impressionante quando a

protagonista, de volta à África, vai participar de uma cerimônia fechada onde algumas pessoas incorporam entidades. Ali tu descreves um ritual que é fechado. Onde tu conseguiste essas informações? Foram nessas fontes?

☞ **AMG** – Nessas fontes ou em narrativas de quem já tinha estado lá. Eu conheci um pai de santo na Bahia que já tinha ido para esse festival. É um festival grande e famoso. É grande e famoso até hoje.

MEM: Tu já foste?

☞ **AMG** – Não. Eu nunca consegui ir a África. Eu já tive quatro viagens canceladas pra lá, não é momento, não querem me deixar ir ainda.

MH: Tu és filha de Oxum?

☞ **AMG** – Sim, eu sou de Oxum. Então tenho que esperar o momento. Eu acho que é para o festival dela, então, deixa.

MH – E hoje, tu frequentas terreiro? Perdeste o medo?

☞ **AMG** – Freqüento. Eu não me iniciei, minha mãe de santo acha que não é necessário. Eu não senti a necessidade e não tive nenhum chamamento. Eu freqüento, eu vou, eu peço conselho, eu ligo sempre pra ela, vou toda a vez que eu posso.

MH – Retomando a questão da narradora. A escolha da Kehinde foi por que quiseste dar uma voz que não existia na primeira versão e pensaste na tua avó ou houve outras questões envolvidas como os debates sobre gênero e feminismo?

☞ **AMG** – Eu acho que essas coisas já estavam na minha cabeça, ou seja, ao colocar a escrava como protagonista já seria suficiente, mas mesmo assim a história mandava, não estava fluindo. Eu pensei, “preciso de uma narradora que seja mais dona da própria história” e foi quando veio essa história da minha avó. Então, eu lembro que eu escrevi umas 15 ou vinte páginas, até o estupro inicial e eu falei, é isso.

Quando vi que aquela narrativa ficava muito mais potente, não só com uma protagonista, mas também com uma narradora mulher, eu falei, é isso. Então, lembrei que quando eu comecei a compor os personagens, fui tentar buscar essas vozes na época. Eu não queria narrativas de terceiros, quanto mais fonte primária eu conseguisse com a voz e com o texto daquela época, para mim melhor. Então, eu fui para os anúncios de jornais de compra e venda, comunicação de fuga de escravos e de captura, cartas testamento, cartas bem interessantes que descrevem toda a vida do escravo, processos jurídicos, ou seja, era aquela coisa ali da época. E quando eu achava uma mulher narrando, que era uma coisa rara, aquela narrativa me

tocava muito mais do que qualquer outra coisa que eu tinha lido.

MH: Tu te identificavas com ela.

☞ **AMG** – Eu me identificava, mas, como eu disse, foi coisa que eu fui aprendendo com o processo do livro. Não tinha noção, eu tinha uma certa intuição. É um livro muito intuitivo e quando ele ia se fazendo, eu falava: “olha, é isso, é isso”.

MH – A tua personagem é o que hoje se chamaria de uma pessoa empreendedora. Ela passou por uma situação de escravidão e ao mesmo tempo conseguiu sair disso, promoveu seu próprio negócio, não uma vez, mas ela se recriou no mínimo três vezes. Então, tu tens uma mulher negra, rebelde, escrava e empreendedora. Na tua pesquisa em fontes primárias tu encontraste algum exemplo de uma mulher com esse perfil ou essa mulher é tua?

☞ **AMG** – Tinham determinados anúncios que davam a entender que era uma mulher negra que estava anunciando um pequeno comércio. Assim, não era nada impossível existir mulheres como essas naquela época. E as mulheres eram muito mais empreendedoras que os homens, acho que por ter mais facilidade de circular pela cidade. Salvador, nessa época, era uma cidade de mulheres na rua e só mulheres negras, porque as brancas ficavam protegidas em casa. A rua era delas. Os homens estavam trabalhando em serviços dentro de casa ou nas lavouras, mais para o interior, no cais, no porto. Então, Salvador era uma cidade de mulheres negras.

MH – Eu notei que a tua personagem não se descreve fisicamente, não sei se foi proposital. Então, eu criei uma imagem. Quando lemos um livro escrito por uma mulher, no qual a narradora também é uma mulher a gente acaba fazendo inconscientemente uma mistura da personagem com a autora. A Luísa [Kehinde], para mim, era uma mulher alta, seios fartos, quadris largos e quando te vi tão miudinha, pensei: “Como?! Não pode ser!”.

MEM – A Ana eu também achava que era mais alta, mas a personagem imaginei uma mulher magra, meio alta e, como diziam, de canela fina.

☞ **AMG** – É engraçado, para mim, ela é criança até hoje.

MH – Ela não cresceu?

☞ **AMG** – É muito engraçado porque eu tenho fotos dela, da minha Luísa, em vários períodos, mas, para mim, a imagem dela é sempre de criança.

MEM – Que fotos são essas?

☞ **AMG** – Tenho essas fotos que eu peguei em livros, em revistas, nada a ver. Ela criança é uma imagem do Vik Muniz, uma menina que ele fez de açúcar. Para mim, ela é aquela menina. Até hoje, eu vejo aquela menina de açúcar do Vik Muniz, e aquela é ela.

MEM – E ela não amadureceu?

☞ **AMG** – Não consegui fazer ela crescer. Eu tinha imagens em várias etapas da vida porque a gente dialogava, a gente batia muito papo e eu olhava aquela fotografia na parede e perguntava: “E aí, o que você faria? O que você vai fazer?”. Mas, eu não consigo... só se fixou aquela. Mas, também tem a imagem que o Luis Gama descreve da mãe, “Minha mãezinha”, o poema que ele fez pra ela onde descreve mais ou menos a figura dessa mãe, dessa mulher.

MH – A protagonista sempre se culpou. Ela nunca se viu como uma boa mãe, sempre achou que falhou quando o primeiro filho morreu, apesar de tudo o que ela tentou fazer. Depois, teve o outro filho sequestrado pelo pai português.

☞ **AMG** – Sobre isso têm umas histórias bem interessantes. Conforme eu fui escrevendo, minha mãe se tornou a minha leitora ideal. Eu escrevo para agradar a minha mãe. Se a minha mãe não gosta, eu jogo fora porque ela é a pessoa com quem eu aprendi a selecionar a leitura. Então, quando eu estava escrevendo, ela estava lendo. E ela é uma leitora muito sagaz, percebia coisinhas que eu não notava.

Fui escrever na casa dos meus pais porque se ficasse na Bahia eu não ia conseguir parar de pesquisar. Eu fiquei um ano na casa dos meus pais só escrevendo. Minha mãe falou, “Vem pra cá, tem casa, comida, roupa lavada e você só escreve”. Eu falei, perfeito!

Eu gosto de escrever à noite, meu horário é das dez às seis, sete da manhã. Então, depois que eu escrevia, eu imprimia, passava por debaixo da porta e quando minha mãe acordava de manhã, pegava e lia. Quando eu acordava, ela sentava e já dizia “Vamos conversar!”, doida pra falar do livro.

O dia que o Banjoko morreu, eu me levantei, dei “Bom dia, mãe” e ela fazendo as coisas dela, não me dava atenção. Ela continuou naquele silêncio, até que eu não aguentei e perguntei, “Você leu?”, ela respondeu, “Eu li, mas não quero comentar agora”. E foi acumulando, acumulando, ela ficou quase uma semana assim. Foi quando decidi, “Mãe vamos conversar. O que aconteceu?”. Ela respondeu, “Você tem de ressuscitar esse menino. Minha filha, ele não pode morrer”. E eu argumentando com ela, “Mãe, não dá, ele tem de morrer. Não dá para ressuscitar”. Eu lembro o argumento final dela, “Eu não

te criei pra isso!”. Minha mãe me achou uma monstra: “Minha filha, como é que sai da tua cabeça uma coisa dessas?!”.
MEM: Tinhas lido sobre isso também?

MEM: Tinhas lido sobre isso também?

☞ **AMG** – Sobre os “abikus”? Sim.

MEM: E nas pesquisas com fontes havia outros “abikus”, tinha outros exemplos?

☞ **AMG** – Têm vários livros que falam sobre os “abikus”, existe literatura própria sobre isso. Mas não é um caso que eu tenha visto. E é interessante porque depois a Mãe Lindaura me explicou que várias mulheres quando engravidam realmente procuram um terreiro para ver se aquele filho é um “abiku”. Muitas que abortam, aborto espontâneo, vão no terreiro e fazem um trabalho. É algo que está muito presente nesse mundo dos espíritos.

Uma das coisas que eu achei mais linda nos “abikus” foram os nomes. Quando já se sabe que uma criança que vai nascer é “abiku” dá-se um nome: “Fica, tu serás mimado”. Os nomes são lindos, é uma poesia, porque é um chamamento. Criança que vem depois de um “abiku” também tem que ter um nome especial, todo um tratamento especial, para que ela não se sinta só substituindo um lugar. Alguns personagens eu criei a partir dos nomes porque eu via um nome e dizia “gente, que nome lindo”. Criava o personagem para que ele tivesse aquele nome.

MH – A questão do culto dos vodus é específica da ilha de Itaparica? Porque os vodus cultuam os antepassados, mas nas terreiras e terreiros de Umbanda confunde-se muito o culto dos vodus com o culto dos eguns que são os espíritos dos mortos.

☞ **AMG** – O culto também existe no Maranhão, na Casa das Minas, lá ele é bem forte. Em Itaparica tem um culto de eguns fechadíssimo, mulher não entra, tentei várias vezes visitar e só me deixaram passar na porta. E lembro que tem uma noite do ano em Itaparica que ninguém sai na rua, ninguém. A senhora que trabalhava na minha casa colocou brasa na minha porta. Quando escureceu, ela disse, “Não sai. Não abre a porta. Fica fechadinha aí dentro”.

MH – Depois de *Um defeito de cor*, o que podemos esperar?

☞ **AMG** – Nada. Está tudo parado, mas vai sair. Eu me assustei muito com a repercussão do livro, não esperava que ele teria o sucesso que ele teve.

MEM: Em quantas edições ele já está?

☞ **AMG** – Está na 12ª edição. Eu não tinha a menor ideia que ele ia ser lido. Então, eu dei uma travada,

fiquei sete anos sem conseguir terminar nada. Essa ideia da história de Minas eu ainda tenho vontade de contar.

MH – Da pré-história a Inconfidência Mineira?

☞ **AMG** – É uma história bem interessante. É engraçado porque *Um defeito de cor* conta a história da Luísa e na história de Minas será a Luzia, a mulher de Lagoa Santa, o primeiro ser humano que se tem notícia no território latino. Então, estou com vontade de contar um pouco a partir da história dessa mulher até a Inconfidência, fazendo a Inconfidência dar certo. Seria um outro país.

MH – E não estás conseguindo escrever por causa da movimentação que esse livro está provocando?

☞ **AMG** – Sim, eu travei durante sete anos sem conseguir escrever nada. Havia uma cobrança de escrever um outro *Defeito de cor*. Escrever um livro que tivesse a mesma qualidade, a mesma aceitação, não só minha, mas das outras pessoas, uma coisa com a qual eu não soube lidar. Então, eu tenho uns trinta livros começados, em vários estágios.

Eu só consegui destravar o ano passado escrevendo um juvenil de 400 páginas, uma ficção científica policial, ou seja, parti para outra coisa que não vai ter comparação, apesar de continuar tratando do mesmo assunto, o racismo. Racismo é o meu assunto.

MH – Mas, tu nunca sofreste racismo?

☞ **AMG** – Já.

MH: Como disseste que tu nunca te sentiste negra, então, pensei que não tinhas passado por isso.

☞ **AMG** – Eu acho que era uma forma de negação. Agora eu percebo muito mais em determinadas situações. Às vezes em hotéis, você vê que há um tratamento diferente. Eu acho que eu estou circulando mais, circulando em ambientes onde eu não tenho um perfil de escritora, o que as pessoas imaginam ser uma escritora.

MH – O que tu achas que as pessoas imaginam?

☞ **AMG** – Mulher branca.

MH – Escritora é branca?

☞ **AMG** – Eu acho que no Brasil tem essa conotação, esse perfil. Escritor aqui no Brasil é branco.

MH – E homem?

☞ **AMG** – Homem.

MH – A professora Regina Dalcastagnè realizou uma pesquisa na qual ela chegou a essa mesma conclusão: escritor no Brasil é homem e branco.

☞ **AMG** – Homem branco, classe média, Rio e São Paulo. Esse é o perfil de quem publica no Brasil.

MH – E tu sentes isso?

☞ **AMG** – Às vezes, a gente está em um ambiente e falam a escritora Ana Maria Gonçalves está ali e eu vejo que eu não sou a primeira pessoa para quem eles olham.

AMANDA OLIVEIRA (AO) – Te incomoda o fato de, talvez, estares circulando em função desse estereótipo de ser mulher, ser negra, ser a representação de uma minoria ou de uma maioria que não tem voz?

☞ **AMG** – Não. Aconteceu um processo bem interessante porque logo que o livro foi publicado eu fui chamada para ser escritora residente em Tulane, em New Orleans. Nos Estados Unidos, eu sou negra, não existe negociação como tem aqui no Brasil: “Ah! Você é moreninha, você é mulata, você é clarinha”. Não, eu sou negra e acabou. Foi bem interessante estar lá nesse período porque a conversa que eu já estava tendo comigo ao escrever o livro, ela se concretizou lá. Essa concretização da minha identidade como mulher negra foi lá.

O dia que, realmente, caiu a ficha, “Eu sou negra e acabou”, foi no meio de um show de *gospel*, em homenagem a Mahalia Jackson, de *free jazz* em New Orleans. Eu lembro que a tenda estava lotada de negros, com um monte de gente em pé. Lembro que eu era a única negra em pé. Havia duas senhoras negras que me chamaram e eu achei que era para falar alguma coisa comigo, mas na hora que eu cheguei perto, elas foram dando “bundadas”, abriram um lugar entre elas, para que eu pudesse sentar. Na hora eu falei: “Thank you”. Uma delas se virou pra mim e disse, “Welcome sister”. Fazia dois meses, dois meses e meio que eu estava lá, eu pensei, “Sister?!”.

Esse momento que você se percebe negra, principalmente no Brasil, é um momento de explosão. Para mim, esse momento foi no meio de um show em homenagem a Mahalia Jackson. Todo mundo de pé e aquelas duas senhoras deram um jeito e abriram um espaço para me incluir ali entre elas, me chamando de “sister”. Eu comecei a chorar e falei “Pô, eu sou negra”.

Você me perguntou se me incomoda, de maneira alguma. Eu gosto de incomodar, em vários lugares ainda tem aquela coisa: “Você não é negra” e eu falo “Eu sou”. Geneticamente. Aquelas coisas: meu pai é branco, minha mãe é negra, de uma família de sete irmãos, os pais dela os dois são negros, mas dos sete irmãos, quatro nasceram negros, negros e três nasceram que nem minha mãe. Minha mãe é bem mais clara que eu, tem o olho bem mais verde, a única diferença é que o cabelo dela é bem mais crespo que o meu.

MEM – Quantos irmãos tu tens?

⇒ **AMG** – Eu tenho dois, um irmão e uma irmã, e são todos mais claros que eu. Geneticamente eu sou negra e politicamente eu escolhi ser negra. É um posicionamento que me interessa, inclusive, para incomodar.

AO – Quando a gente trabalha com mulher, trabalha com etnia, parece que a gente está levantando a bandeirinha mais política e ideológica do que propriamente literária e eu não vejo isso como problema. Pelo contrário. Nossa posição tem que ser política.

⇒ **AMG** – Exatamente. Eu também escolhi. Dependendo do lugar em que eu estou, eu preciso me colocar como uma escritora negra, que faz uma literatura que trata de temas que são próprios do universo dessa escritora negra.

MH – Em 2006, no teu blog, na tua despedida, tu disseste que foste mal interpretada por diferentes motivos: por contar a tua história, por dar dicas para quem quer publicar e por ter tido sorte. Tu achas que isso foi superado? Tu achas que as pessoas acreditam que o teu sucesso, o teu reconhecimento, foi mais do que sorte?

⇒ **AMG** – Eu acho que isso foi uma coisa que eu tive de lidar primeiro comigo. Eu me achava muito sortuda porque se você for ver a história de mulheres, principalmente, mulheres negras que publicam no Brasil, eu sou ponto fora da curva. Eu não sirvo de exemplo para dizer como a trajetória é difícil. Quando eu terminei de escrever as 19 versões eu voltei no Millôr. O Millôr

perguntou: “Terminou?”, eu disse, “Terminei. Você quer ver?”, ele disse: “Não, confio em você”. Ele pegou o telefone, ligou para a Luciana, da Record, e disse, “Luciana, estou mandando uma moça aí com um livro, publica o livro dela, senão eu não publico mais com vocês”. Eu morri de vergonha. O Millôr chamou um táxi, “Leva essa moça lá e traz ela de volta”. Ele pagou o táxi! Eu cheguei lá e a Luciana estava me esperando na porta: “Eu não vou nem ler, volta daqui a dois dias para assinar o contrato”. Isso é sorte! Eu tive que lidar com isso.

Esse livro está sendo publicado só porque o Millôr exigiu? Ele nem pediu, ele exigiu que fosse publicado. Será que é bom mesmo? Porque ninguém leu mais o livro. Eu tinha vontade de ter trabalhado com um editor para que ele me dissesse se estava bom ou se não estava, corta aqui, acrescenta ali, aquela ideia do editor. Eu não tive isso.

MH: Publicaram como tu entregaste?

⇒ **AMG** – Como entreguei. Passou por um revisor gramatical que sugeriu algumas coisas. Eu não tive afirmação de ninguém falando está bom ou não está bom. Era eu sozinha bancando essa escrita. Essa questão da sorte eu tive que trabalhar muito mais comigo.

Recebido: 24/11/2017

Aprovado: 29/11/2017

Contato: profeamandaoliveira@gmail.com

(Amanda Oliveira)

margacenteno@gmail.com

(Margarete Hülsendeger)

maria.eunice@puccrs.br

(Maria Eunice Moreira)